

BASES TEÓRICAS E CONCEITUAIS DA PEDAGOGIA DAS COMPETÊNCIAS: ESTUDO SEGUNDO PHILIPPE PERRENOUD

Cheila Dionisio de Mello¹
Leandro Turmena²

1 IFPR

2 Professor Ms. IFPR

RESUMO: Esta pesquisa investiga as bases teóricas e conceituais da pedagogia das competências, segundo Philippe Perrenoud, uma vez que, esta tem influenciado a educação no Brasil a partir da década de 1990. Constata-se que através das mudanças no mundo do trabalho, vem emergindo um novo cenário educacional, exigindo dos trabalhadores um conjunto de saberes para que este possa ser inserido no mercado de trabalho e garantir seu emprego, atendendo as novas exigências demandadas pelo capital. Exigências estas reafirmadas por intermédio da pedagogia das competências, defendida por Philippe Perrenoud, cujo objetivo é dotar os indivíduos de comportamentos flexíveis, que lhes permitam adaptar-se as condições impostas pelo mercado de trabalho, atendendo às demandas do processo de reestruturação produtiva do capital.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Pedagogia das Competências; Formação Escolar; Qualificação Profissional.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é investigar as bases teóricas e conceituais da pedagogia das competências, segundo Philippe Per-

renoud, uma vez que, esta tem influenciado a educação no Brasil a partir da década de 1990. O interesse pelo presente tema justifica-se pela necessidade de entendermos a ideologia defendida pela pedagogia das competências e a repercussão desta no âmbito escolar.

Para os propósitos do presente estudo consideramos o conceito de competência como uma combinação de conhecimentos, habilidades e atitudes, resultantes do processo de socialização – especialmente da formação educacional e das experiências profissionais e de vida – que convergem para determinados padrões do pensar, do sentir e do agir vinculados a contextos laborais específicos (FLEURY; FLEURY, 2001).

A conjuntura da sociedade em termos de formação tem exigido das instituições de ensino superior uma grande responsabilidade em termos de mudanças e inovações de suas práticas e hábitos e neste caso, as instituições de ensino fundamental e médio também têm se preocupado em formar um aluno que esteja mais apto a se adaptar às exigências do mundo do trabalho no atual contexto histórico.

Para Perrenoud (1999, p. 08), “cabe aos profissionais do ensino, em geral, uma parcela expressiva da responsabilidade de re-

alização de tais transações, e para tanto suas competências devem estar alinhadas com as demandas da sociedade moderna”. Desta forma questionamos: Quais as bases teóricas e conceituais da pedagogia das competências? Como se dá a relação entre educação e a pedagogia das competências no atual contexto histórico?

Metodologicamente, a pesquisa tem um caráter bibliográfico, elaborada através de leituras e análises de alguns textos de Philippe Perrenoud.

BASES TEÓRICAS E CONCEITUAIS DA PEDAGOGIA DAS COMPETÊNCIAS

Nos últimos tempos, muita se fala sobre a capacitação dos profissionais da educação, suas habilidades e competências, acreditando-se que a sua formação seria uma das principais responsáveis por fazer deste, um profissional de sucesso. Entende-se a formação, neste sentido, como uma área de conhecimentos, experiências, e de investigações, que consiste num processo sistemático em que o professor aprende a ser e desenvolver sua competência profissional (PERRENOUD, 2000).

Perrenoud propõe um receituário das competências que contribuem para delinear a atividade docente que, segundo ele, tem como propósito falar de competências profissionais, privilegiando aquelas que emergem atualmente. Nesse sentido, enfatiza o que está mudando e, portanto, as competências que representam o saber-fazer do professor em detrimento do conhecimento universal produzido pela humanidade.

O autor defende a idéia de que a competência surge na escola como resposta “a um problema antigo: o de transferir conhecimentos” (PERRENOUD, 2000). Nessa afirmação, ele critica a escola porque esta não faz uma ligação dos conhecimentos transmitidos com a própria vida do educando. É o saber prático voltado para o desenvolvimento de habilidades necessárias à resolução de problemas cotidianos, bem como àqueles saberes valorativos relacio-

nados ao saber conviver com um desempregado, um imigrante, um portador de deficiência, uma mãe solteira, um jovem da periferia.

Segundo Perrenoud (1999), a abordagem por competências considera os conhecimentos como ferramentas a serem mobilizadas conforme as necessidades, a fim de que se possa resolver determinadas situações-problema apresentadas na escola, no trabalho e fora dele.

Perrenoud (1999, p. 07), define competência como “uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles”. Porém o que acontece muitas vezes, segundo ele, é um mal-entendido, que gera muita polêmica em torno do objetivo com que os alunos se direcionam a escola. Apontando como dilema a seguinte questão: “Afim vai-se à escola para adquirir conhecimentos, ou para desenvolver competências?” (1999, p. 7), o mesmo aponta como resposta a questão o fato de que ambos os termos devem andar juntos, pois todas as ações humanas exigem algum tipo de conhecimento, alguns mais específicos outros mais superficiais, oriundo não somente da escola mas das diversas áreas (experiência pessoal, senso comum, pesquisas), e desta forma quanto mais conhecimento, habilidades, quanto mais complexa seja uma ação, mais competência para sua efetivação será necessária. Entretanto, “para enfrentar uma situação da melhor maneira possível, deve-se, via de regra, pôr em ação e em sinergia vários recursos cognitivos complementares, entre os quais estão os conhecimentos”. (PERRENOUD, 1999, p. 07).

Perrenoud aponta que no decorrer de nossa experiência e de nossa formação é que construímos e armazenamos o conhecimento, que nada mais é do que uma representação da realidade. Porém “as competências manifestadas por nossas ações, não são apenas, conhecimentos, mas elas integram, utilizam ou mobilizam tais conhecimentos” (1999, p. 08). Para melhor expli-

car, o autor afirma que a competência, não parte somente da obtenção de conhecimentos amplos em uma determinada área, ou da memorização de seus conteúdos, mas ela vai muito, além disso.

Entretanto, podemos perceber que conhecimento e competência são estreitamente complementares, devem se relacionar de forma harmoniosa para que o profissional portador de grande bagagem de conhecimento, também seja um profissional competente. Pois, afinal, podemos possuir conhecimento, sem sermos eficazmente competentes, mas dificilmente teremos competência sem conhecimento. O que é preciso enfatizar é se há um conflito de prioridade, entre os termos, e para isto, Perrenoud (1999, p. 10), nos diz que:

A construção de competências, pois, é inseparável da formação de esquemas de mobilização dos conhecimentos com discernimento, em tempo real, ao serviço de uma ação eficaz. Ora, os esquemas de mobilização de diversos recursos cognitivos em uma situação de ação complexa desenvolvem-se e estabilizam-se ao sabor da prática. No ser humano, com efeito, os esquemas não podem ser programados por uma intervenção externa. Não existe, a não ser nas novelas de ficção científica, nenhum “transplante de esquemas”. O sujeito não pode tão pouco construí-los por simples interiorização de um conhecimento procedimental. Os esquemas constroem-se ao sabor de um treinamento, experiências renovadas, ao mesmo tempo redundantes e estruturantes, treinamento esse tanto mais eficaz quando associado a uma postura reflexiva.

As competências são aquisições, aprendizados construídos. Construir uma competência significa aprender a identificar e a encontrar os conhecimentos pertinentes. O autor diz que,

Só há competência estabilizada quando a mobilização dos conhecimentos supera o tatear reflexivo ao alcance de cada um e aciona esquemas constituídos... Ocasionalmente, associam-se os esquemas a simples hábitos. De fato, os hábitos são esquemas, simples e rígidos, porém, nem todo esquema é um hábito. Em sua concepção piagetiana, o esquema, como estrutura invariante de

uma operação ou de uma ação, não condena a uma repetição idêntica. Ao contrário, permite, por meio de acomodações menores, enfrentar uma variedade de situações de estrutura igual. O esquema é uma ferramenta flexível (PERRENOUD, 1999, p. 23).

Perrenoud afirma que as competências iz que:nidade educativa orquestram um conjunto de esquemas. “No estágio de sua gênese, uma competência passa por raciocínios explícitos, decisões conscientes, inferências e hesitações, ensaios e erros” (1999, p. 24). Ou seja, pode-se dizer que a competência baseia-se num aprendizado, o uso do conhecimento com sabedoria para atingir certos objetivos.

Sendo assim, baseada a competência, em esquemas, devemos partir do pressuposto de que há esquemas complexos e esquemas mais simples.

Os esquemas complexos podem ser montagens de esquemas mais simples, e assim por diante, num sistema de bonecas russas. Para chegar à tamanha automatização de funcionamentos cognitivos, é preciso uma fortíssima redundância de situações semelhantes. (PERRENOUD, 1999, p. 25).

Entretanto, pode-se dizer que as competências de uma pessoa constroem-se em função das situações que enfrenta com maior frequência. “Portanto, o sucesso depende de uma capacidade geral de adaptação e discernimento, comumente considerada como a inteligência natural do sujeito.” (PERRENOUD, 1999, p. 30).

Sendo assim, a competência situa-se além dos conhecimentos. Não se forma com a assimilação de conhecimentos suplementares, gerais ou locais, mas sim com construção de um conjunto de disposições e esquemas que permitem mobilizar os conhecimentos na situação, no momento certo e com discernimento.

FORMAÇÃO ESCOLAR COMPETENTE E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Na sociedade, em geral, certas competências - conhecimentos são exigidos do

ser humano para sua inserção no meio, seja na escola ou no mundo do trabalho. E estas competências são citadas por Perrenoud, por estarem no fundamento da flexibilidade dos sistemas e das relações sociais.

O mundo do trabalho apropriou-se desta noção de competência e a escola estaria seguindo seus passos, sobre o pretexto de modernizar-se e de inserir-se na corrente dos valores da economia do mercado, como gestão de recursos humanos, busca da qualidade total, valorização da excelência, exigência de maior mobilidade dos trabalhadores e da organização do trabalho (PERRENOUD, 1999, p. 12).

Percebemos, claramente, que o termo qualificação é cada vez mais exigido pelo profissional inserido no mercado de trabalho, requerendo deste profissional maiores exigências, maior flexibilidade, maior formação, ou seja competências diferenciadas, evolutivas e pessoais de cada trabalhador. Porém, o que se quer, de acordo com Lévy – Leboyer (citado por PERRENOUD, 1999, p.12) “é gerenciar competências, estabelecer tanto balanços individuais como ‘árvores’ de conhecimentos ou competências que representem o potencial coletivo de uma empresa”. Quer dizer, no mundo do trabalho, a competência, ou qualificação, realmente reflete numa mudança de perspectiva, onde o trabalhador deve seguir as normas padrões exigidas pela empresa para não ser “excluído” dela, e essa qualificação é cada vez mais cobrada do trabalhador, entretanto, ele deve partir desde a escola, já que esta é tida como responsável pela formação do futuro membro do mercado de trabalho.

Cada vez mais as transformações que ocorrem no mercado de trabalho, com referência ao perfil do trabalhador, na formação do mesmo, e sem sombra de dúvidas estas mudanças acabam por afetar o processo de escolar e também a cultura ali presente, pois como as exigências exteriores, do mundo do trabalho requerem qualificação e competências, estas por sua vez devem iniciar sua gênese desde a vida

escolar do adolescente.

A sociedade, passa a cobrar cada vez mais da escola, querem uma escola mais eficaz, que prepare melhor para vida. “A corrida aos diplomas perde sua pertinência junto com a desvalorização dos títulos e a rarefação dos empregos, mas abandoná-la levaria a correr riscos ainda maiores” (PERRENOUD, 1999, p. 15). Ou seja, estes jovens em idade escolar devem ser cada vez mais motivados para que não desanimem com as injustiças sociais, e cabe à escola uma instrução, para que estes envolvam-se com projetos de escolarização e objetivem o desenvolvimento, crescimento eficaz.

Conforme Perrenoud (1999), o desenvolvimento metódico da abordagem de competências na escola, não faz, senão, acentuar o que já vem sendo trabalhado de certa forma, como por exemplo, desenvolver as “faculdades gerais” ou o “pensamento” além da assimilação dos conhecimentos.

[...] a evolução do mundo, das fronteiras, das tecnologias, dos estilos de vida requer uma flexibilidade e uma criatividade crescentes dos seres humanos, no trabalho e na cidade. Nessa perspectiva, confere-se ocasionalmente à escola a missão prioritária de desenvolver a inteligência como capacidade multiforme de adaptação às diferenças e as mudanças. O acento dado as competências não chega tão longe. Não é uma extensão furtiva dos programas de educação cognitiva que se interessam pelos alunos com grande dificuldade de desenvolvimento intelectual e aprendizado. A abordagem por competências não rejeita nem os conteúdos, nem as disciplinas, mas sim acentua sua implementação (PERRENOUD, 1999, p.15).

Tardif, (citado por PERRENOUD, 2009, p. 15), “propõe que a competência seja o mestre de obra no planejamento e na organização da formação”, ou afirma ainda, que “a competência deve constituir-se em um dos princípios organizadores da formação”. Desta forma, estas teses avançadas para a formação profissionalizante, deveriam ser aplicadas também, no processo de formação dos adolescentes na aquisi-

ção de competências desde a escola, tanto no fundamental como no médio.

Perrenoud nos diz ainda, que na escola, os alunos aprendem formas de conjugação, fatos históricos ou geográficos, regras gramaticais, leis físicas, processos, a matemática. Mas, “é no momento em que conseguem relacionar pertinentemente os conhecimentos prévios com os problemas do dia-a-dia que se reconhece uma competência” (1999, p. 21).

É preciso ter claro que a competência situa-se além dos conhecimentos, desta forma Perrenoud (1999, p. 33), explica que:

a competência não se forma com a assimilação de conhecimentos, às vezes, suplementares, gerais ou locais, mas sim com a construção de um conjunto de disposições e esquemas que permitem mobilizar os conhecimentos na situação, no momento certo e com discernimento. É na possibilidade de relacionar, pertinentemente, os conhecimentos anteriores e os problemas que se reconhece uma competência.

Contatou-se então que cada pessoa reflete de modo espontâneo sobre sua prática e que se esse questionamento não for metódico nem regular não vai conduzir necessariamente à disposição contínua de reflexão, nem a tomada de consciência e de mudança. A competência igualmente, não se desenvolve espontaneamente.

Segundo o autor (1999), concebidas dessa maneira, as competências são importantes metas da formação. Elas podem responder a uma demanda social dirigida para a adaptação ao mercado e às mudanças e também fornecer os meios para apreender a realidade e não ficar indefeso nas relações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, o termo competência ocupa lugar de destaque nos discursos e documentos educacionais. No Brasil, a introdução da noção de competências ocorreu a partir das reformas educacionais nos anos 1990, realizadas sob a orientação e o apoio financeiro de organismos interna-

cionais. Ao abordar a teoria de Perrenoud, entendemos que o autor coloca a questão das competências como uma capacidade do ser humano, de agir de forma eficaz em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos científicos desenvolvidos através da educação formal, mas sem limitar-se a eles. Assim, as competências são manifestadas por nossas ações, não são apenas, conhecimentos, mas elas se integram, utilizam ou mobilizam tais conhecimentos, através de esquemas de ação, que permitem mobilizar os conhecimentos na situação, no momento certo e com discernimento.

Hoje, difunde-se a idéia de que o mercado e a produção necessitam de pessoas com efetividade, ou seja, eficientes e eficazes, capazes de resolverem vários tipos de problemas práticos, porém, resolvendo-os com uma base teórica, dominando saberes. Desta forma, o modelo de competências migra do mundo do trabalho para o campo educacional, um exigindo do outro uma pessoa mais preparada para os novos desafios e o outro, verificando essas novas exigências. Muda o modelo da abordagem educacional para domínio de saberes (competência: saber teórico, o saber fazer, e o poder fazer), evidenciando estes saberes em conhecimentos, habilidades e atitudes.

REFERÊNCIAS

FLEURY, Maria Tereza; FLEURY, Afonso. Construindo o Conceito de Competência. Revista de Administração Contemporânea versão On-line, vol.5. Curitiba 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-65552001000500010&script=sci_arttext. Acesso em 24/03/2011.

PERRENOUD, Philippe. As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PERRENOUD, Philippe. Construindo

competências. Entrevista disponível no site www.unige.ch/fapese/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_2000/2000_31.html. Acesso em 29.09.2010

PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar: convite à viagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PERRENOUD, Philippe. et al. Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PERRENOUD, Philippe. MAGNE, B. C. Construir: as competências desde a escola. Porto Alegre: Artmed, 1999.